

Anno 2°

Rio de Janeiro

Nº 52

DONQUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini

109 Rua Ouvidor



Assim como no anno passado, bombardeamento de confettis e serpentinas.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre	14\$000	Semestre	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 22 DE FEVEREIRO DE 1896.

O BOATO

Ninguem ignora n'esta cidade que ou por malvadeza ou por leviandade nasceu, cresceu e proliferou o boato de graves perturbações da ordem, annunciadas para os dias do Carnaval.

Eil-os passados os tres dias da popularissima festa, que o publico fluminense tanto preza, e a verdade feliz é que, á excepção de um pequeno conflicto local no primeiro dia e de insignificantes incidentes, tudo correu no meio da mais franca alegria e de um regosijo como ha muito se não vê equal.

Honra seja feita á policia que resoluta e firme mostrou que saberia fazer-se respeitar, caso isso fosse indispensavel, e á população fluminense que, não obstante os germens de dissensões politicas, provou sua cordura e indole pacifica.

Ambos estes factores concorreram sensivelmente para o bom exito das festas que passaram, e sobretudo para a grande correcção que se notou no ultimo dia, exactamente o de maior affluencia de povo nas ruas.

Agora que os successos já demonstraram a inanidade do boato perverso, analysemol-o e demonstremos que é tempo de acabar com semelhantes processos de intimidacão.

D'onde podia partir uma conspiração ou uma tentativa criminosa contra o governo do Sr. Dr. Prudente de Moraes?

Dos exaltados partidarios da dictadura do marechal Floriano Peixoto? Dos batalhadores da revolta, hoje amnistiados?

São os unicos partidos extremados, aos quaes se poderia attribuir qualquer violencia.

Mas a verdade é que nem um nem outro seria capaz de tentar o golpe: os

florianistas apaixonados, por lhes faltarem meios de acção e cabeça directora; os federalistas ou ex-revoltosos, por não estar em seu programma abater o governo civil que tivemos a fortuna de saudar a 15 de Novembro de 1894.

A parte sã do florianismo, essa mantem o seu culto pelo finado presidente, mas é bastante sensata para vêr que uma nova revolução sem pretexto e sem fundamento seria o maior dos desastres; os exaltados, estes nem podem contar com chefes militares de influencia real, nem pôdem ter o apoio do proprio Sr. Glycerio, a quem aliás não perdoamos a politica partidaria e tancha que tem dirigido.

Como e para que provocaria portanto o florianismo uma subversão do governo legitimo? Cahiria na praça publica, coberto de opprobrio e repudiado pela nação.

Os partidarios da revolta de 6 de Setembro, por sua parte, si pôdem queixar-se talvez do Sr. Prudente de Moraes, por não ter o presidente favorecido todas as reparações a que elles se julgavam com direito, nem por isso desconhecem a somma de liberdades de que gozam e vêem no actual chefe do Estado a verdade constitucional, pela qual se bateram e se sacrificaram.

O governo de 15 de Novembro de 1894 é obra, em grande parte, da revolução, não ha contestal-o.

Como é pois que estes homens, que pôdem ter errado nos meios, mas que foram de certo movidos por alto patriotismo a rebellar-se contra a tyrannia, dariam agora o passo impatriotico e criminoso de empunhar as armas contra um governo que é a antithese formal da tyrannia? Absurdo.

Concluamos portanto que o boato era inane. Existe desgraçadamente um pequeno grupo de fetichistas da pseudo-legalidade Floriano, que, desorientados e despeitados pela cessação de privilegios escandalosos, alimentam quiçá o desejo de tornar ás *bellezas* do estado de sitio; mas esse punhado de homens não encontra echo no paiz e nada poderia tentar com exito.

O Sr. presidente da Republica deve estar hoje convencido d'esta verdade e certo de que, si ha quem critique varios de seus actos, a grande maioria do povo e nós ao seu lado, não admittimos siquer a hypothese de vel-o fóra do po-

der pelo processo revolucionario de uma deposição.

Sentimos todos, ou quasi todos, os males da Patria, e quizeramos que com um pouco mais de resolução ou de nervo o chefe do Estado procurasse sanal-os, como teve a coragem de fazer com a guerra civil do Rio Grande do Sul. Estamos convencidos de que é as mais das vezes exacta aquella sentença de Voltaire, no seu *Mahomet*:

«*On ne perd les E'tats que par timidité*», e somos de parecer que um chefe de Estado, mais do que qualquer outro homem publico, deve ter por norma constante o preceito do poeta venusino:

Et mihi res, non me rebus, subjungere conor.—«Esforço-me por dominar as circumstancias e não ser por ellas dominado.»

E' de accordo com este principio que estimariamos vêr desenvolvida a acção presidencial, dentro das orbitas constitucionaes está bem visto, mas com a firmeza de um timoneiro que, seguro da sua bussola, rompe nevoeirose brumas em demanda do porto de abrigo.

Mas a critica não é opposição systematica; esta ou uma rebellião seriam verdadeiros crimes.

ECHOS DO CARNAVAL

N'uma casa da fazendas e modas estão varias peças de panninho de côres á mostra, proprios para vestimentas de princez, tendo ao lado o annuncio em cartão: *Peça 6\$000.*

Entra um dominó, já muito *chovido*.

— O dono da casa?

— Prompto.

— Dê-me 6\$000.

— Heim?!

— Pois você não diz á gente quando passa: peça 6\$000?

E já, ao longe, com voz de sogra envenenada:

— Como vais do utero, ó aquelle?

!!!!

Na rua do Ouvidor:

Um sujeito casacalmente vestido; alto, gordo e barrigudo; pince-nez por baixo da mascara; andar de pachyderme. Pára á porta larga em cujos portaes se lê o nome do *Diario de Noticias*, já extinto; examina vagarosamente os cartuchos de estalos, os embrulhos de confetti, os discos de serpentinhas multicolors. E depois, sentenciosamente:

— Sim senhor! Os melhores *artigos* do finado *Diário de Noticias*...! Que pena serem posthumos!

!!!!

A' porta do *Paiz*. Um typo que faz de mudo, e começa entre gestos desesperados, e como quem procura alguém:

— Oh!

Um caixeiro de balcão:

— Quem procura?

— Oh!...

— O' quem, seu bruto?

O typo perdendo a calma e achando a falla:

— Oh! Não digo: Oh! O' — porque vocês ficarão a pensar que estou a rir, e eu... chorando sempre!

E raspa-se.

!!!!

Um dominó muito palrador e um tanto quanto espirituoso, depois de em um camarote do S. Pedro conversar demoradamente com a actriz Pepa, intrigando-a, ao despedir-se volta-se para o cavalheiro que estava sentado á frente, — um joven deputado de bigode de azeviche e formosa cabelleira; e, com a mais requintada delicadeza e voz de falso:

— Quando quizer, sempre ás suas ordens...

— Onde, espirituoso mascara?

— No Necroterio...segunda mesa á esquerda!

Que terrível cadaver!

TIL.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (Ouvidor 109, 30\$ por anno para os Estados, 25\$ para a Capital — ou um ovo por um real) continúa no gozo da mais impertubavel saúde, graças a se terem dissipado os terríveis boatos que annunciavam sarra-bulhada grossa para os tres dias consagrados a Momo.

* *

Ultimos telegrammas de Massouah dizem que o ras Seboth fez traição, abandonou a Italia e passou-se com sua gente para os choanos.

Accrescentam os alludidos despachos que o general Baratieri com a noticia ficou acceso como uma barata em dia de calor e exclamou enraivado:

— Este Seboth... ora sebo!

* *

Já estão eleitos — estamos contractados para dizer eleitos — presidentes de São Paulo e Espirito Santo os Srs. Campos Salles e Graciano Neves.

Seria o caso de dizer: *morreu o Neves!* se exactamente o Neves não acabasse ind'agorinha de nascer presidente de Estado.

* *

Um cablegramma — é assim que se exprimem os jornaes que fallam bonito, e em portuguez—communicou que o cruzador *Benjamin Constant* estava parado no porto do Recife, a concertar as machinas.

Evidentemente este *Benjamin* é muito *Constante*... em concertos!

Até parece o Club Symphonico!

* *

O *Jornal do Brasil* ha dous mezes que pergunta a não sabemos quem: *Será verdade?*

Não será, não senhor. Será mentira — ou amolgação.

* *

O bacharel Arthur Peixoto, sobrinho e herdeiro da Legalidade, depois de ter sido quinze mezes official do Contencioso do Thesouro e ter estado só quinze mezes de licença, pediu exoneração do Cargo de Licença, que occupava, com grande distincção, e foi nomeado chefe de policia de Alagôas.

Damos parabens — ao Contencioso, que passará d'ora avante a ser contente.

* *

Affirma o *Jornal* em uma das suas varias, que leu no *Gaulois* curiosissimas informações sobre diversas communas em França. Assim, na de Neuville não se morre ou *morre-se muito pouco* (!); em Lauroy os corpos enterrados conservam-se indefinidamente (o que? enterrados?) e na de Borra, que tem 800 habitantes, ninguem se casa.

D'esta ultima é singular a embirra! E...bem justifica o seu nome de Borra!

* *

No Pará, sua terra natal, tem o Sr. Serzedello Corrêa sido alvo de grandes manifestações, jantares opiparos, retrato na alfandega, placa commemorativa na casa de seu nascimento, passeiatas, cortejos civicos, etc., etc.

Não admira, desde que o homem é de lá e alli se acha agora. O que surprehede é a popularidade de que, mesmo na ausencia, goza n'esta capital o illustre deputado... Não viram como pelo Carnaval todo o mundo d'elle se recordava e a elle se referia, dizendo sem cessar:

— *Chorando sempre... Sempre chorando...?*

Os reporters,

ESCENA & MONTRY.

A BRUXA

Mais um numero, mais uma victoria de Julião Machado e Olavo Bilac.

O de agora, terceiro na ordem, além de uma bella allegoria ao Carnaval, traz na primeira pagina uma *conversa* com o *D. Quixote*, tão amavel e tão doce que... a commoção nos embarga a voz. No texto destaca-se a Chronica de Olavo — se é que se pôde destacar algo n'esse eserinio de bellas joias litterarias.

A SEMANA

A Semana foi só de mascaradas, Nem d'outra cousa se fallar ouvimos: Serpentinhas, confetti, ás toneladas, Mas quanto a mascarados...poucos vimos.

Um *dominó* por fructa; e Zés Perciras Tambem mui raros pela rua andaram; Nem um *chicard* que nos dissesse asneiras, Os antigos *princezas* — azuiaram.

O Zé Povinho, de prazer sequioso, Vem para a rua, e espera o Carnaval: Tudo que pôde deixa a casa, e o gozo Vem procurar...O gozo — ou cousa igual.

Mas quanto mais se busca esse Deus Momo, Mais elle esquivo é para a Folia! Dir-se-hia que é o tal vedado pomo, Que é o fructo prohibido, dir-se-hia...

Se não foram as tres victoriosas, Antigas sociedades de renome, Essas festas seriam mentirosas, De Carnaval apenas tinham nome.

A multidão se espraia pelas ruas, Pelas praças, sem dó se acotovella, P'ra vêr o que? Algumas damas n'as... E o que ganhar? Alguma pisadella!

E pois que o Carnaval não sai de casa, Os moços abandona, e as meninas, Arma-se o jogo, não se perde vasa: Venham confetti; venham serpentinhas.

Trava-se então a guerra, e bem renhida; Tudo batalha...E mascara? Ora qual! Caras á mostra! Que prosiga a lida! —Papeis de côres: eis o Carnaval!

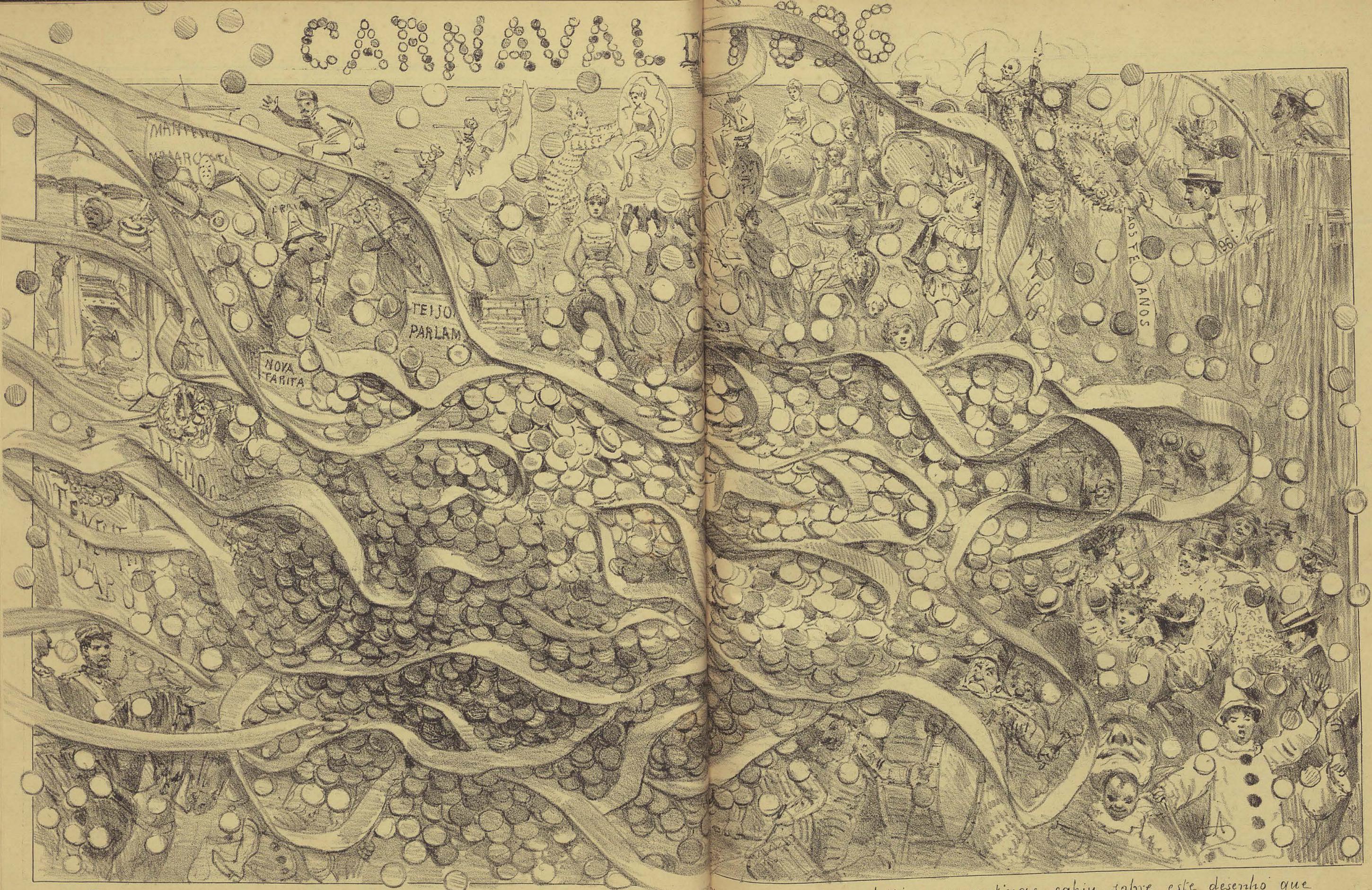
F. MENDES.

ONDAS

Está em festas o palacio das nossas letras: foi entregue ao publico o segundo volume das *Ondas*, de Luiz Murat.

Olavo Bilac, que é dos maiores de entre elles, proclamou Murat o maioral dos poetas; opinião, que, sobre ser sincera é auctorizada.

CARNIVAL



Por uma arte ainda mais diabólica do que carnavalesca, enorme quantidade de confettis e serpentinas cahiu sobre este desenho que representava todas as proezas do Carnaval e os bellos prestitos das tres principais sociedades. Os dos Tenentes e Democraticos picaram completamente sacrificados! Todavia é bom declarar: Quem tiver a curiosidade de que vel-os, poderá satisfazer seus desejos tirando um por um, todos os confettis.

Em verdade é um encanto este volume; e como bem disse A. Azevedo, surprehe-nos, porque todos esperavamos encontrar naquellas paginas uns versos quentes, inflammados, rubros, traduzindo o estado d'alma em que devia achar-se o poeta aos tempos em que compoz o volume — tempestuosos, revolucionarios, ter-ríveis tempos, que deveriam ou poderiam ter feito absorver o vate pelo politico.

Não foi assim. As vicissitudes da revolução, as agruras do exilio, como que ameigaram mais o estro de Luiz Murat: todo o seu livro é terno, respira de suas paginas a mais suave doçura, um lyrismo apaixonado e meigo cobre-o inteiro, com a maciez do arminho. Não ha um grito de guerra, nem uma phrase de condemnação; ha uma serie de estrophes dulcissimas em que se espelha o coração do poeta, em que se reflectem os raios brilhantes de sua lyra encrustada de pedrarias e ouro.

Saudando o maioral, para aqui trasladamos uma das poesias que enriquecem o volume; certamente, não a melhor, mas ao acaso tomada entre as menos longas, para o fim de condecorar uma de nossas paginas, n'ella inserindo um trecho do formoso livro.

São os

VERSOS A SARA

Tendas de rosas vou erguer á sombra
D'estas arvores verdes e frementes...
Vê como é fresca esta orvalhada alfombra,
Vê como estão os passaros contentes!...

Todo o barulho que na relva escutas,
Toda esta ingenua e matinal paisagem,
Os gemidos do vento, a voz das grutas,
Serão teus companheiros de viagem.

Sonhar... Voltar de novo aquellas horas,
E ler mais uma vez o livro aberto!...
E perguntar-te: ó santa, porque choras,
Porque tens hoje o coração deserto?

E murmurar: Sara, que doce arrullo
E' este que entre as flôres se mistura?
De que plumagem são esse barulho,
De que perfume é feita essa ventura?

Que delicada petala suspira
Porte este glaucio e alegre murmúrio,
Reproduzindo a voz da minha lyra
Nas tardes d'ouro e calidas do estio?

Mulher, que toda a minha adolescencia
No alvo cofre do seio recolheste,
Como é cruel e dolorosa a ausencia!
Como soluça a alcova onde nasceste!

Toda esta luz e toda esta azulada
Curva do céu, que fecha o mar e a terra,
Fica por muito tempo desbruçada.
Sobre a minha alma que a tu'alma encerra.

Mas, tristemente, o céu, mudo e encoberto,
Desce aos palacios e entra nas choupanas,

E somem-se na poeira do deserto
Das illusões as longas caravanas...

O portico d'este edificio litterario é largamente illuminado pela dedicatória á irmã do poeta, uma das mais sentidas e meigas poesias de todo o livro, na qual diz elle:

Não ha no mundo minha irmã, quem tenha
Mais saudades e menos illusões.

Bom que as tenha, e mais e muitas, desde que taes saudades transformam-se em perolas, e vivem rutilantes nas paginas das ONDAS.

LEO.

CARNAVAL

As festas dos tres dias consagrados pelo calendario á alegria e ao prazer, correram a geral contento, muito especialmente dos que negociaram em confetti e serpentinas, que ganharam mais do que se houvessem jogado nos bichos, cousa em que — dizem — lucraram muito... os *book-maker*.

Tempo magnifico, e tranquillidade completa da ordem publica, graças ás medidas policiaes, concorreram para que fosse a melhor a impressão deixada por esses tres dias de Folia, tão apreciados pelo povo.

Em verdade houve grande animação pelas ruas, e a população divertiu-se como pôde, desde que de Carnaval propriamente dito lhe foi fornecida com notavel parcimonia apenas uma pequena amostra.

Poucos mascaras, é certo; mas em compensação nuvens extraordinarias de confetti, dispendio enormissimo de serpentinas, recurso muito natural para aquelles que vindo á rua vêr o Carnaval e sentindo-o ausente, fazem para si proprios a propria festa.

E só de serpentinas e confetti deixaria memoria de si o Carnaval de 1896, si não accorressem a salvar o moribundo as tres benemeritas sociedades, que tanto se esbofam em agradar e divertir o povo fluminense—os Tenentes do Diabo, os Democraticos e os Fenianos.

Fizeram esses tres clubs as despezas do Carnaval propriamente dito. E como se sahiram do seu louvavel empenho, demonstrou-o cabalmente o assentimento do publico, na tempestade de applausos com que recebeu em sua passagem os respectivos prestitos.

Os Tenentes tinham annuciado um modesto Zé Pereira e foram muito além

do que haviam promettido, apresentando espirituosas criticas.

A batalha, porém, feriu-se entre Fenianos e Democraticos, que fizeram prodigios de valor e exhibiram-se tão brilhantemente que difficilmente alguém acceitará o encargo e a responsabilidade de constituir-se juiz no pleito e deferir a uns ou outros a palma da victoria...

O luxo dos Fenianos, é bem certo, impressionou fortemente o espirito da população; a Brooks foi um *clou* formidavel, como idéa e como execução, sendo tão fina e completa a allusão critica, que a propria locomotiva foi victima de um desastre, para melhor representar as suas homonymas da Central, dando origem a um atrazo de horario e ás consequentes baldeações. O successo foi ruidoso, e os Fenianos foram aclamados com delirio.

Mas, logo depois, vieram os Democraticos e os seus carros de idéas tambem fizeram irromper os mais ruidosos applausos e... *et á qui la victoire?*

E' justamente ahi que está o *busillis*. E desbancaria o nosso antepassado Salomão—o juiz mais afamado da antiguidade, quando ainda não existia a instituição do roubo de autos—quem decidisse esta contenda, sem trazer duas palmas da victoria.. em cada uma das mãos, pelo menos.

Entretanto, se fôramos nós os encarregados de entregar as taes palmas, com certeza accrescentariamos mais algumas folhas e mais um laço de fitas á que fosse destinada aos Fenianos... Mereceram-n'ó, incontestavelmente; e isso não quer dizer que os Democraticos, para o proximo anno não os possam vencer, como aliás já o tem feito e por mais de uma vez.

Só a Brooks esmagou tudo!

Os bailes que as tres veteranas offereceram a seus socios, convidados e *convidadas*, foram aquillo que os noticiarios muito convencida e muita chapamente denominam — feericos.

Uma alegria sadia e communicativa, espirito a esfusiar pelos salões, uma amabilidade fidalga e exquisita, serviço escolhido e palaciano; e por sobre tudo isto um tal *entram* em dar ás pernas, que pela madrugada de quarta-feira aquella gente toda parecia pouco resolvida a tomar cinza e juizo,—antes disposta a recommear o Carnaval... se lh'o permittissem o Sr. arcebispo e o cambio.

Aos tres clubs — Tenentes, Fenianos e Democraticos—as mais vivas saudações e os mais sinceros cumprimentos.

FELIX.

RABISCOS

Antes de tudo: mil parabens aos moradores dos suburbios, e aos viajantes dos trens da serra. Não é porque na semana finda não tenham gozado a suprema ventura de um descarrilamento ou encontro de trens; nem é tão pouco porque foram largamente despiciados pela troça que as *troupes* carnavalescas fizeram á E. F. C. B., e aos seus instrumentos de supplicio, rapidos ou expressos.

Os parabens são originados da noticia que venho de ler nos jornaes sérios: o director da Estrada Central vai publicar o novo regulamento para a mesma.

376

Esta noticia encheu-me a alma de contentamento. Está salva a patria! E também estão salvas as nossas costellas! E de cambulhada estão salvos os nossos negocios! Vamos ter regulamento novo...

Do descalabro em que se encontrava todo o serviço da nossa principal via-ferrea, com os seus atrazos, os pessimos carros, os repetidos desastres, o descamiuho de bagagens, a falta de cuidado no serviço telegraphico, emfim com a balburdia completa que alli se vê, eu sempre percebi que a causa era uma e unica: — a falta de um novo regulamento.

O velho já estava caduco, cheio de pés de gallinha, calvo, tropego, caolho, rheumatico, desmemoriado... Era um regulamento que já não regulava.

Descobrimo a origem dos frequentes encontros de trens e demais desorganisação da sua estrada, e provendo-lhe logo de remedio prompto e effcaz, o marechal Jardim lavrou um tento e constituiu-se um benemerito. Venha o regulamento, novo e salvador!

E vós, ó povos de suburbios, e vós passageiros da Serra, descobri-vos e saudai a era que desponta, risonha e promissora de felicidades e venturas!

Não mais choques, nem mais encontros, nem mais descarrilamentos: o novo regulamento não o permite.

Parabens.

LÉO.

THEATROS

Não tive a fortuna de receber a tal circular do Luizinho de Castro, que anda a bisbilhotar cousas relativas a theatros, e de caminho as relativas á revolução de setembro. E foi por isso que também a meu turno não o abri, como declarou elle que lhe fizeram muitas das pessoas consultadas — e o que também foi bom, porque já tendo elle sido aberto por duas duzias de individuos, entre homens e mulheres, que diabo me tocava a mim para abrir em taes circumstancias?

A barra do Rio de Janeiro, pelo menos.

Pois como disse, e ora repito, o Luizinho não quiz distinguir-me com a sua pergunta: qual a causa da decadencia do theatro no Rio de Janeiro? quaes os meios de rehabilital-o? E *et cetera*, etc.

Mas por isso mesmo que eu gosto de metter-me onde não sou chamado, venho por minha

vez responder ao questionario do illustre Lulu Junior, tal como se a respeito houvesse sido consultado.

E abro-o.

Devo dizer, em primeiro logar, que essa pluralidade de perguntas é assás singular. Faz-me lembrar aquelle typo de gallego que perguntou ao outro: «*cantos são os sete pães que tem n'este sacco?*»

Pois será mesmo possivel que haja ainda alguém neste bom Rio de Janeiro — artistas, publico ou criticos—que possa dizer que ignora quaes os motivos da decadencia do theatro *nacional*?

Em primeiro logar, já ha pilheria no qualificativo que ahi fica em italico. Depois, todo o mundo está farto de saber que os principaes, os unicos responsaveis pela tão lamentada decadencia, são exactamente aquelles que andam a lamental-a: — artistas, auctores, criticos, publico.

—

Um artista, e esse de valor, já respondeu pela imprensa ao questionario proposto, e sem ambages nem rodeios, que grande parte da culpa cabê aos de sua classe.

E nem é preciso ir longe para o demonstrar. Basta penetrar em qualquer dos nossos theatros, á hora do espectáculo, e olhar para a scena... Artistas de merito entregues ao cancan; papeis de responsabilidade confiados a umas damas que nunca foram artistas e que exhibem como unicos predicados um bom palmo de cara e bem torneadas pernas. Uma desordem completa e a falta de respeito á propria arte, patenteada pelos actores dignos d'esse nome.

Percorre-se com a vista a sala, e vê-se que o publico ri satisfeito e agora bate palmas entusiasmado... Que foi? — Foi a Sra. X que entrou em scena quasi nua e o popular Z que virou uma combalhota com muita graça.

Ao terminar a peça, cheia de escabrosidades e passagens obscenas, chamam á scena o auctor; e risonho, orgulhoso, apparece no palco, a agradecer com mesuras, um dos nossos melhores escriptores,—que ainda pela manhã publicára artigo lamentando a decadencia da arte dramatica.

Finalmente, entre os espectadores que se retiram, ouve-se uma voz que opina sem cerimonia: — *Que bambochata!* E' a de um jornalista conhecido, e em cujo periodico no dia seguinte se lê uma noticia laudatoria, que começa dizendo: «*Mais um successo obteve a empresa do...*» e conclue: «*O theatro tal tem peça para centenario.*»

E logo depois, publico, artistas, auctores e criticos, não tendo mais que fazer... voltam ás variações do costume, lamentando todos, e muito convencidamente, a sobredita decadencia do sobredito theatro.

Ora sou um seu criado Mathias!

—

E como isto já vai longo, e o papel não comporta artigos compridotes, conversarei ainda no proximo numero com o collega Luizinho, respondendo a uma pergunta que elle não me dirigiu.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

ESQUECE, valsa de composição do dr. Hora de Magalhães, brinde da *Gazeta de Leopoldina* aos seus assignantes.

RELAÇÃO nominal dos membros que compoem a nova directoria do Gremio da Tijuca.

REVISTA POPULAR, n. 3 do volume 2º, de que é redactor chefe o Sr. R. C. Dickson. Traz na sua secção *Brevidades* uma noticia sobre o trem ordinario mais rapido do mundo; é o Empire State. Nós aqui sabemos outra cousa: qual o trem rapido mais ordinario do mundo; é um tal da E. F. C. B.

REVISTA da Comissão Technica Militar Consultiva, de que são redactores os Srs. general Carlos da Luz, coronel Torres Homem e tenente Pedro Botelho da Cunha. Numeros 6 e 7 do 4º anno num. 24.

AGUIA, valsa de Juca Storoni; MEL-LIFLUA, valsa de Julio Reis, DARKNESS, 5ª valsa Boston de Ramenti; todas editadas pela afamada casa I. Bevilacqua & Comp.

PONTOS NOS II, polka do 3º acto, (*sinto dôres!*) de Nicolino Milano; PIUDUDO, batuque brasileiro da maestrina F. Gonzaga; INVENCIVEL tango de P. L. Hallier; AGUA DO VINTEM, tango de Francisca Gonzaga; DOLCE RICORDO, intermezzo do grande maestro brasileiro Henrique A. de Mesquita — edições nitidas da casa Buschmann & Guimarães.

SAUDADES DE MEU CABOCLO, polka por Albertino Pimentel, impressa na casa Vieira Machado & C.

REVISTA MARITIMA BRAZILEIRA, n. 7 do 17º anno.

O NOVO MUNDO, n. 3, publicação do philologo João Ribeiro. Brillhante, como os anteriores. Eis seu summario: Monroe; Uma perda para a litteratura; Festas de Reis, de Raul Pompeia; O afogado, poesia de Fontoura Xavier; Viticultura, pelo Dr. L. P. Barreto; O abastecimento d'agua em S. Paulo; Soneto, de Guimarães Passos; João de Deus, o poeta portuguez. Entre as gravuras traz o retrato da rainha de Portugal.

Petit Echo de la Mode, n. 5 do XVII anno, trazendo bellos figurinos, moldes e o mais que caracteriza as publicações d'esta natureza.

CONVITE para as reuniões que se effectuarem durante o corrente anno no Cassino Guanabareense; e para o grande baile de hoje, no Club Gymnastico Portuguez, do qual também recebemos, em elegante cartão, a relação nominal dos cavalheiros que compoem a nova directoria e conselho, recém-eleitos.

REVUE MEDICO CHIRURGICALE DU BRÉSIL, de que é redactor o illustre Sr. Dr. Brissry, primeiro numero do 4º anno.

MICROBIOLOGIA DO CANCER, seu tratamento bacteriano; importante trabalho do illustre professor Domingos Freire, director do Instituto Bacteriologico do Rio de Janeiro.

AGENDA-BUVARD para 1896, do *Brésil Républicain*, luxuosamente encadernada.

CORAÇÃO FERIDO, valsa por Mary Leoray; BABA DE MOÇA, polka por J. G. de Christo; impressas na casa Fertin de Vasconcellos & Morand; PASSA-TEMPO, polka do incansavel compositor Julio Reis, editada pelo estabelecimento dos Srs. I. Bevilacqua & C.

Officinas de obras do JORNAL DO BRASIL

(D. Quixote)

Quarta feira de Cinzas, pela manhã.



A' espera do primeiro bond.



— É falla-se contra o entrudo!